

ESA PAREJA FELIZ / 1951

um filme de Juan Antonio Bardem e Luis García Berlanga

Realização e Argumento: Juan Antonio Bardem e Luis García Berlanga / **Assistentes de Realização:** Ricardo Muñoz Suay e Tomás Gomes / **Fotografia:** Guillermo G. Goldberger / **Operador:** Luis Muñoz Alcolea / **Cenários:** Bernardo Ballester / **Música:** Jesus García Leoz / **Montagem:** Repita Orduña / **Interpretação:** Fernando Femán Gómes (Juan), Elvira Quintanilla (Carmen), Félix Fernandez (Rafa), José Luis Ozores (Luis), Fernando Aguirre (o organizador), Manolo Arbo (Esteban), Matilde Muñoz Sampedro (Amparo), Raquel Daina, Paquita Cano, José Maria Rodero, Antonio García Quijada, Antonio Garisa, José Franco, Rafael Bardem, Rafael Alonso, José Orjas, Lola Gaos, Manuel Aguilera.

Produção: Producciones Altamira S. L. / **Director de Produção:** José Maria Ramos e Miguel Angel Martin Proharan / **Cópia:** DCP, preto e branco, com legendas em português do Brasil, 81 minutos / **Estreia:** Madrid, a 31 de Agosto de 1953 / Inédito comercialmente em Portugal / Prémio Jimeno do Círculo de Escritores de Cinema para o argumento em 1951.

O Instituto de Investigaciones y Experiências Cinematográficas (I.I.E.C., as letrinhas que hão-de reparar logo no genérico sob os nomes de Bardem e Berlanga) foi o ponto de partida para a aparição dum cinema espanhol diferente, produto da geração que o frequentou desde a sua abertura: 1947. Permitam-me pois que comece por me referir a ele através de um longo extracto do estudo de Marcel Oms sobre Bardem publicado no *Premier Plan* nº 21 de Fevereiro de 1962: "... foi lá que se forjou o cinema espanhol. 'O Instituto, escreve J-G. Maesso (*Objectivo* nº 2) representou para nós, independentemente do que por lá aprendemos, a possibilidade única de chegar ao cinema... O horizonte estava carregado de nuvens. O Instituto era o bolo de creme dos profissionais do cinema... Neste clima era perfeitamente inverosímil pretender receber, fosse de quem fosse, qualquer proposta para fazer cinema. Consciente disso, um grupo - Berlanga, Bardem, Garagorri, Gurruchaga, Ramos, Proharan, Marquez e eu, e mais tarde Muñoz Suay e Ducay - propôs-se fundar a sua própria casa de produção.' Começaram então as dificuldades tragi-cómicas para quebrar o círculo vicioso da cinematografia espanhola. Finalmente a promoção do Instituto conseguiu reunir o dinheiro necessário. Começou-se imediatamente a tratar do filme.

Uma vez terminado, foi preciso esperar - ao preço de inúmeras dificuldades sempre renovadas - por um distribuidor. Terminado em 1951, o filme só será apresentado ao público a 31 de Agosto de 1953 no "Capitol" de Madrid. 'O importante, conclui Maesso, o mais importante, foi que o nosso grupo entrou com sucesso na batalha. A barreira fora derrubada. Eis o verdadeiro significado, para além do seu peso específico, desse filme delicioso que se chama **Esa Pareja Feliz**.'"

A citação foi longa mas parece-me que esclarecedora. O filme que vamos ver nesta sessão foi o ponto de partida para um novo cinema espanhol não só pelo seu tema, com a abordagem das classes mais desfavorecidas e a saída da câmara para a rua a exemplo do neo-realismo (como **Surcos** de Nieves Conde que se fazia também no mesmo ano), mas principalmente porque representou todo o esforço colectivo da primeira geração do I.I.E.C.

O ponto de partida para **Esa Pareja Feliz** (o esboço de Bardem foi publicado na *Film Ideal* de Dezembro de 1961) era uma adaptação para a Espanha dos temas introduzidos pelo neo-realismo: problemas de trabalhos de sobrevivência, rodeados de anseios e esperanças, "molti sogni per la strada"

dum casal jovem num bairro popular. Sacudindo o pó dos estúdios a câmara vai aos bairros pobres, à miséria e às dificuldades da vida. Com outra ousadia para o tempo: Isto não era apresentado como uma fatalidade mas como resultado dum sistema social. E reparem como, através do humor estas referências nos são dadas: os cursos que Juan tira por correspondência, cujos diplomas apenas servem para encher a parede, o oportunismo do sócio de Juan, a agência funerária, etc. Juan com os cursos e negócios falhados tenta sair da mediocridade da sua existência. Carmen, a mulher, tenta ajudá-lo procurando a saída na sorte dos concursos radiofónicos, então muito na moda. Acrescente-se que o concurso em que participa Carmen no filme se baseia num semelhante com existência real naquela data. A febre dos concursos radiofónicos voltaria a passar pelo cinema nas **Histórias da Rádio** de Sáenz de Heredia. Um dia, Carmen ganha o concurso do sabão Florit, o que proporciona ao casal um dia de vida burguesa com todas as despesas pagas. Era o concurso "Esa Pareja Feliz" e é irónico que apareça num momento em que a crise estala no meio do casal. Mas eles viverão o dia, primeiro separados, depois reunidos, acabando por verificarem a fatuidade e o ridículo do que à sua volta acontece.

Assim contado, a secura do resumo não dá a dimensão da ternura e da simplicidade que marca este filme, datado sim, mas que se vê ainda com prazer. E, do mesmo modo que acontece aos **Golfos** de Saura, o que sobrevive em **Esa Pareja Feliz** transcendeu os objectivos imediatos dos seus autores: não foi a intenção social, mas a linguagem cinematográfica.

E é altura de falarmos do enorme gozo que **Esa Pareja Feliz** nos deu.

Tudo começa da maneira mais inesperada. Mal termina o genérico eis-nos lançados em plena idade média onde uma rainha (Lola Gaos) enfrenta um conde (Mario Alcón) e os seus sicários. Parece-nos estar a ver "Rainha Santa", "Agustina de Aragão" ou qualquer outra "Leoa de Castela". Eis senão quando reparamos que algo está errado: os comparsas suscitam mais o riso do que a atenção. A câmara desvia-se e verificamos que estamos num estúdio da Cifesa e se procede à filmagem dum cena dum "pastelão histórico". Assim somos introduzidos no meio em que trabalha Juan: ele é electricista de cinema. Mas, ao mesmo tempo, afirma-se de imediato a posição dos jovens autores do filme, de ruptura com o sistema de produção anterior. De crítica ao vazio que representava. E digo vazio porque a sequência termina de maneira assombrosa com Lola Gaos caindo das janelas do castelo sobre Juan. A sucessão de planos, do filme para a realidade, a queda e a exibição do artifício, remete-nos assombrosamente para o que Jerry Lewis fará treze anos mais tarde no final de **The Patsy**.

De imediato Juan vai para casa e encontra um recado da mulher onde diz estar no Atlântico. Raccord com um plano onde se vê um transatlântico no alto mar. Noite de luar. Um casal na amurada. A câmara recua e mostra-nos que estamos numa sala de cinema onde Carmen se comove com o romance de amor entre Charles Boyer e Irene Dunne em **Ele e Ela (Love Affair, 1939)** de Leo McCarey. Cinema eminentemente popular onde se comia tranquilamente, se levavam os filhos e discutia (Os saudosistas que o chorem, porque eu gosto de ver um filme tranquilamente). Juan chega e, como trabalha no cinema, começa a fazer o mesmo que eu faço neste momento, a revelar os segredos da engrenagem. Mas creio que, se ao tempo isso correspondia ao desencanto e à perda de um sonho, hoje em dia isso não faz mais do que activar o fascínio que um filme exerce. Por isso não resisto a apontar outros pormenores: e são os notáveis raccords que trazem a marca de Bardem (convém esclarecer que nesta primeira obra feita em conjunto, é notório o predomínio de Bardem, e não só na técnica. Só lá mais para diante as ideias mestras de Berlanga se afirmarão totalmente). O da bola de papel no telhado para o lançamento de bolas ao alvo, na feira, será repetido na mesma forma em **Morte de um Ciclista**, o raccord de movimento da queda da cadeira com a de Carmen na cama; O raccord da velha no parque começando a dirigir o coro com o cantor no teatro.

E há também (curiosamente) mais do que os sinais do neo-realismo, a influência da comédia popular americana: a representação teatral com o "gag" do barco, a cena de pancadaria na "boite" e a noite na cadeia, e aquele final tão próximo de Chaplin.

Há, no fim de contas, muitos motivos para nos divertirmos com **Esa Pareja Feliz** e o considerarmos uma agradável surpresa.

Manuel Cintra Ferreira